

1. O Outro (A)

O simbólico não é o simbolismo. Na acepção simbolista, o símbolo existe isoladamente e contém um significado intrínseco, a priori – por exemplo, o monstro ou o dragão como símbolo do caos. Pelo contrário, Lacan usa o termo simbólico na acepção estrutural, em que o termo ‘símbolo’ é um sinónimo de significante, ou seja, de elemento puramente diferencial, destituído de significado próprio, na medida em que o significado só aparece a posteriori como resultado das relações entre significantes, do seu jogo. De facto, o simbólico é, na sua autonomia, uma ordem, uma estrutura, e confunde-se com a linguagem. A ordem simbólica inscreve-se sobre o real (cobre-o como uma rede) para fazer dele a realidade humana do mundo, bem diferente da realidade animal do meio: a relação do homem ao mundo não se reduz à do organismo que se adapta ao meio. Entre organismo e meio intervém o simbólico que organiza a vida humana numa realidade significante a que chamamos mundo. É porque há simbólico que há inconsciente. Por outras palavras, a linguagem é a condição do inconsciente.

O simbólico é o que de mais alto há no homem e que está fora dele. É esta exterioridade, esta transcendência do simbólico que leva Lacan a designá-lo como Outro. O Outro intervém como uma instância terceira, impessoal e desinteressada, para mediatizar, testemunhar e arbitrar uma relação dual. Um exemplo disso é a anedota contada por Žižek (2006:9-10) sobre um homem que naufraga e aborda a uma ilha deserta com a Cindy Crawford. Depois de fazerem sexo, ela pergunta-lhe se ele gostou, ao que ele responde que foi ótimo mas que, para completar a sua satisfação, tem de lhe pedir um pequeno favor: que ela vista umas calças e ponha um bigode postiço. O que a Cindy Crawford se apresta a fazer. Aí, o homem dá-lhe uma palmada nas costas e confia-lhe, num tom de cumplicidade viril: - Sabes o que me aconteceu ? Acabei de fazer sexo com a Cindy Crawford !!!

A anedota mostra que a satisfação sexual humana não fica confinada ao corpo (à imanência da substância viva) mas precisa de ser significada ao Outro. É esta inscrição do sexual na ordem simbólica que constitui a especificidade da sexualidade humana e está na base da definição do inconsciente como combinatória significante e discurso do Outro.

2. O sujeito (\$)

Num dos seus primeiros textos, Lacan afirma que ‘o símbolo se manifesta como assassinio da coisa e esta morte constitui no sujeito a eternização do seu desejo’ (1966: 319).

A primeira oração exprime a operação a que Hegel chamou *Aufhebung*: anular no real para elevar à condição simbólica (assim, o parricídio primitivo é a primeira *Aufhebung*). A incidência da ordem simbólica sobre o real, ao torná-lo significante, mata-o, anula-o, negativiza-o. A existência do significante sustenta-se da não existência da coisa (o ser da linguagem é o não-ser dos objectos).

A segunda oração apresenta sujeito e desejo como correlativos – de facto, o desejo é a essência do sujeito – e instaura essa correlação ‘nessa morte’, ou seja, na negativização do real e dos objectos. Isto implica que o desejo é intransitivo, logo que o sujeito não é correlativo de nenhum objecto. O sujeito é tão somente correlativo do Outro (dialéctica), lugar da combinatória significante.

O sujeito é um conceito lacaniano central que marca a atipicidade de Lacan como pensador estruturalista: pensar o sujeito na estrutura é um desafio aos pressupostos do estruturalismo : não há sujeito na estrutura. Mas a leitura de Freud impede Lacan de o abolir, pois o conceito de sujeito resulta da clarificação da noção ambígua de ‘Ich’. Lacan destrinça no ‘Ich’ duas instâncias muito diferentes que convém distinguir: o eu definido como objecto de investimento libidinal não pode ser a mesma coisa que o eu da máxima ‘wo Es war, soll Ich werden’. Aqui, o eu é uma instância que deve substituir o isso (Es, o ser de gozo, o perverso polimorfo). O eu que substitui o isso, que ocupa o seu lugar, é, como vimos, a estrutura subjectiva produzida pela castração : a criança que entra no período de latência, tendo renunciado aos objectos parentais. A este eu anobjectal Lacan chama ‘sujeito’ e representa-o por um S obliterado por uma barra (\$). Ao eu objecto libidinal Lacan chama eu (moi).

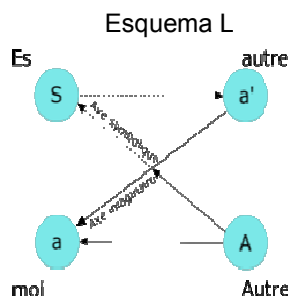
O eu é uma instância imaginária, enquanto que o sujeito é uma instância simbólica. O eu define-se pela sua relação especular ao outro em que projecta a sua imagem ideal (ex: madrasta da Branca de Neve). O ser é à imagem do eu e vice-versa. O ser é um objecto imaginário. Daí o logro narcísico que caracteriza o eu sempre alienado à sua imagem. A fórmula a'-a define o eu como imagem no espelho.

Por seu lado, o sujeito é uma instância simbólica, um puro efeito do jogo dos significantes. O sujeito não apenas fala mas é falado – por exemplo, no lapso. O sujeito (lch) é o que resta do esvaziamento da substância gozante do isso (Es), operada pela castração. Enquanto que o eu se compraz na contemplação da sua imagem ideal e na ilusão de ser (um objecto imaginário), o sujeito é um ‘manque-à-être’, um ‘des-être’ (um ‘des-ser), um negativo. Ele não tem substância nem imagem; ele é falta de ser e é nessa falta, que é sexual (castração), que se instala o desejo. Vemos assim que o sujeito da estrutura lch é homólogo, pois, também ela, é sem conteúdo e sem substância.

Lacan compara o sujeito ao cogito no momento da dúvida metódica: sem representações, sem ideias, sem afectos, vazio de todo o conteúdo. A diferença maior entre os dois conceitos reside no facto de, contrariamente ao cogito, o sujeito não ter unidade. O cogito enuncia ‘je pense, donc je suis’, mas o sujeito dirá qualquer coisa como ‘je parle, donc je ne suis pas, donc je désire’. Mas quem é ‘je’ exactamente ? O sujeito é não-identitário, ele não coincide consigo mesmo, não (re)conhece o seu desejo que é desejo do Outro (formações do inconsciente). Daí a barra sobre o S.

3. O esquema L

O esquema L é o primeiro e o mais simples dos esquemas que Lacan elaborou. Criado no contexto do retorno a Freud no início da década de 50, ele esquematiza, antes de mais, a situação da psicanálise pós-freudiana que Lacan considerava ser uma deturpação do pensamento de Freud por via da prevalência do imaginário sobre o simbólico (prevalência que era urgente inverter).



O esquema estabelece 2 relações principais entre 4 termos através dos eixos. O eixo imaginário liga a' a a para definir o eu (moi) como instância alienada à sua imagem especular. O

imaginário caracteriza a relação dual, simétrica e interpessoal entre analista e analisado que sufoca a relação simbólica, a que se exprime pelo verbo e em função da qual Freud havia criado o dispositivo analítico. Por isso, a linha imaginária é contínua e serve de obstáculo à linha simbólica que nela esbarra, tornando-se descontínua. Lacan mostra assim que o imaginário esmaga o inconsciente, impedindo-o de passar, ou seja, recalcando-o.

Mas o esquema L não diz respeito apenas à prática analítica, mas também à teoria que, como sabemos, gira em torno do Édipo (Lacan não se cansa de repetir que o que Freud descobriu no Édipo foi o simbólico). A prevalência do imaginário sobre o simbólico representa a fase fálica, dominada pela universalidade desse objecto imaginário que é o falo. O eixo a'-a representa a identificação da criança com a mãe fálica (e com o pai rival).

Lacan estabelece assim uma homologia entre a prática analítica pós-freudiana e a fase fálica. Para ele, é tão urgente libertar a relação simbólica na cura analítica como no processo edipiano para que o sujeito se estruture. A prevalência da relação imaginária tem como consequência que o indivíduo, paciente ou criança permanece no seu estado de ser (isso, Es) como objecto imaginário. A missão da cura analítica, tal como a do processo edipiano, é criar as condições para que paciente e criança subjectivizem a falta no ser, assumam a negatividade que os constitui como sujeitos: já não ser (ser de gozo, gozo de ser) mas \$. Isto é a castração. Para que tal aconteça, é preciso que a linha que vai de A a S se torne uma linha contínua e que S se escreva então \$. Tal linha contínua cortará a linha a'-a e esse corte é o equivalente do interdito do incesto e, por consequência, da diferença sexual. Por isso, A é o lugar do pai simbólico.

